

O FAZER PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EJA

ADRIANA FRANÇA PANCINI¹

FABIANE COUTO LOUREIRO²

JULIANA BERMOND GRECCO³

Visando aprimorar os conhecimentos adquiridos durante as aulas da disciplina Educação de Jovens e Adultos: Pesquisa e Prática Pedagógica, realizamos algumas intervenções em uma escola que oferece essa modalidade de educação.

As visitas foram realizadas em uma sala de EJA de uma Instituição de Ensino da Rede Particular do Município de Vitória – ES. A turma visitada recebe a frequência de 20 a 25 alunos, a maioria de homens, com idades entre 17 e 67 anos, todos provenientes de diversos municípios do Estado do Espírito Santo. Verificamos que os motivos que os motivaram a migrar para este município são bem parecidos, dentre eles destacamos: desemprego, baixas condições de vida, melhores oportunidades de estudo e sucesso profissional. Apenas uma minoria afirmou ter vindo por motivos de ordem familiar ou particulares.

Questionados acerca de suas opções de lazer, também houve semelhanças ao citarem as mesmas opções peculiares aos jovens da classe popular. Suas atividades de lazer se limitam à praia, futebol, shopping, visitas familiares, cinema ou algum programa interessante com os amigos nos finais de semana.

Quanto à instituição e ao projeto desenvolvido pela escola, de promover educação para aqueles que não a tiveram na idade própria, o que pudemos verificar é que se trata de uma iniciativa de cunho idealista e não político. Isso fica evidente se analisarmos os parâmetros que nortearam a elaboração do projeto. Tudo foi pensado de forma a obter o maior êxito possível, indo desde o horário que é de 18:30 às 22:00; ao número de alunos, passando também pelo nível de formação dos profissionais engajados, que sabemos serem todos Pós-Graduados, e finalmente chegando ao ponto principal o planejamento, que é feito entre professores e pedagogo em horário específico, com espaço para diálogo, críticas e troca de experiências.

A relação entre Educador - Educando é de cumplicidade, amizade, troca, estendendo-se até mesmo na conversa sobre problemas particulares e familiares dos alunos. Percebemos que eles vêem o professor como um sábio, alguém com quem podem contar, confiam muito em sua experiência, e muitos os tomam como modelos a serem seguidos.

O projeto dispõe de uma excelente estrutura física, e tecnológica, lançam mão de

recursos didáticos de alta qualidade como: computadores, biblioteca, data show e vários outros meios e recursos que favorecem o melhor rendimento das aulas.

Durante as visitas, assistimos a uma aula de Filosofia, onde o tema proposto foi a "Escravidão". O assunto foi bem explorado pela professora, que contemplou as primeiras formas de escravidão historicamente determinadas até os tempos contemporâneos, e que foi discutido entre a turma. A seguir ela trouxe uma problematização questionando junto a eles se nos dias de hoje ainda havia escravidão. Isso deu "pano prá manga", pois alguns, por não terem acesso tão direto às fontes de comunicação como: TV, Rádio, jornais etc. e até mesmo pela falta de tempo de assistirem aos noticiários diziam que não, que isso aconteceu lá no passado; enquanto outros diziam que sim, que viram na TV, reportagens recentes sobre trabalhadores vivendo em regime de escravidão no interior da Bahia. Outra jovem alegou que era escrava do seu próprio trabalho, pois ele não permitia que ela se divertisse.

Diante disso, a professora propôs que a turma se dividisse em grupos e confeccionassem cartazes sobre os diferentes tipos de escravidão. O trabalho foi exposto na escola.

Segundo a professora, a instituição também se preocupa com a formação cultural de seus alunos. Ima prova disso é que escola proporciona visitas constantes a cinemas, shows culturais, festas típicas etc, tudo direcionado de forma a promover um ensino real e interativo. Há pouco tempo trabalharam a partir do filme "Meu Nome Não é Johnny".

Após a sessão de cinema, já em sala de aula, a professora destacou uma série de intervenções que tomariam como ponto de partida o tema retratado no filme, articulando várias disciplinas como: Português, Filosofia, História...

Já no final de nossa intervenção ao conversar com alguns alunos, soubemos que a instituição aborda temas relacionados à comunidade onde os mesmos estão inseridos, a política local e também sobre os direitos e deveres dos cidadãos em geral, tudo de maneira a conscientizá-los e orientá-los quanto à postura que devem adotar sobre estes aspectos.

A partir dessas visitas, refletimos sobre vários pontos que ali foram observados. Antes de tudo, conscientizamo-nos de que os alunos que estão ali, como qualquer outro aluno, não é uma tábula rasa e, principalmente os jovens e adultos, já trazem uma história de vida que influencia na sua trajetória escolar. Dayrell (2005, p. 55) afirma ainda "[...] que não existe uma juventude, mas sim *juventudes*, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem em nossa sociedade". Daí:

[...]. O nome, ao se referir a "jovens e adultos", está explicitando que essa modalidade de ensino abrange os sujeitos, e não simplesmente os "alunos" ou qualquer outra categoria generalizante, e mais: sujeitos que estão situados num determinado tempo de vida, possuindo assim especificidades próprias. Ou seja, deixa claro que essa modalidade lida

com dois tipos de sujeitos – jovens e adultos – que, pelos lugares que ocupam nos tempos de vida, possuem realidades específicas e assim apresentam demandas e necessidades também específicas. (DAYRELL, 2005, p. 53-54).

Notamos que essas especificidades são levadas em consideração, principalmente quando fazem-se uso de palavras geradoras, metodologia proposta por Paulo Freire (BRANDÃO, 1981) que visa a alfabetização de jovens e adultos a partir de palavras e temas que estão inseridos no contexto sócio-histórico e cultural em que vivem essas pessoas.

Outro aspecto importante pertinente à Educação de Jovens e Adultos é aquele referente à formação profissional dos educadores dessa modalidade de ensino. Muitas vezes:

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-los de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali freqüenta (DAYRELL, 2005, p. 54).

E diante disso, Romão (2005, p. 55) coloca que o professor deve ser educador e não instrutor, uma vez que professor-instrutor qualquer um o pode ser; “mas Professor/Educador nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é!”. E sobre isso, Gadotti (2005, p. 28) afirma que “ler sobre a educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos tem sentido”.

Mas o educador também deve estar ligado às questões políticas que norteiam tantos problemas educacionais. Várias pesquisas e estudos mostraram que o Brasil está entre as maiores economias mundiais, contudo, também ocupa entre os primeiros lugares do ranking a pior distribuição de renda do globo. Isso nos remete a pensar que, é obvio que o problema não é falta de verba, como justificam algumas autoridades para mascararem o que de fato acontece com os recursos públicos. O problema estaria, então, na irresponsabilidade dos educadores e administradores? Romão (2005, p. 60) esclarece ao afirmar que:

[...] nunca é demais repetir que nosso problema não está ligado à falta de recursos nem a competência pedagógica; suas raízes estão na falta de vontade política, cuja construção depende de intervenções aguerridas da categoria. Daí a sagrada indignação que deve nortear nosso comportamento, na relação com os definidores de políticas, com os alocadores e distribuidores de recursos, com os executores de programas.

Assim, o trabalho dos educadores, tanto daqueles de Jovens e Adultos como qualquer outro, deve estar voltado tanto para as questões pedagógicas quanto para as de cunho

político e social, pois dessa forma esses professores não assumirão o papel de Professores/Instrutores, mas de uma categoria muito mais satisfatória que é de Professores/Educadores, de fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertar sobre os percalços que podem comprometer o processo de educação do nosso país não é tarefa fácil. Antes de tudo, é preciso desvincular-se de pré-concepções, rótulos e tabus já convencionados sobre esse assunto, para então dispor de uma visão imparcial acerca de todas as especificidades relativas ao processo educacional vigente e, sobretudo, deixar cair as máscaras que ocultam as verdadeiras intenções de todos os atores envolvidos nesta ciranda, que resulta nos novos cidadãos tão esperados pela sociedade.

Após cumprir essas preliminares de suma importância, é preciso coragem para trazer à tona problemas que são camuflados e ignorados a qualquer preço. É muito mais que denunciar, é antes de qualquer coisa se auto punir, pois pressupõe-se que todos nós, cidadãos, professores, alunos, família e governantes fazem parte do processo em questão. Cada um tem o seu papel, seus direitos e deveres, portanto, se existem problemas, também existem culpados e, todos nós, direta ou indiretamente temos nossa cota de erros e acertos nessa trajetória. Por esse motivo torna-se tão difícil ter a primeira iniciativa, mas isso não nos isenta de nossas responsabilidades.

Os professores não podem omitir-se sob a desculpa de estarem cumprindo o protocolo e apenas executarem seu trabalho, renegando a essência que norteia sua profissão que é educar e não somente ensinar. Na prática, é ir além dos limites dos livros, é educar também para a vida, para o mundo e todos os seus guetos. E isso implica comprometimento, coragem e muita disposição. Qualquer um pode ser professor, mas nem todos podem ser educadores, pois a esse último atribui-se valores e posturas que lhes são peculiares. Diante de sua importância não se pode conceber essa prática desvinculada da realidade, fechando os olhos para as mazelas que o sistema apresenta como padrão, tolhendo os alunos do direito mais amplo que os compete, que é de ser um indivíduo autônomo, auto-suficiente e preparado para seguir sua vida, movido por seus ideais, e capaz de defender-se das influências de tudo que se oponha às suas concepções.

Aos alunos, por sua vez, também lhes é conferido o papel principal dessa "peça", afinal, eles são, não só os receptores como também os interlocutores no processo de educação. Sem o aluno não há instituição e sem a mesma não há razão de existir professor: note como tudo está interligado. E, assim, se faz necessário uma cumplicidade, em que cada

parte reconheça seu papel e o desempenhe com imenso esmero. É preciso que o aluno compreenda que cabe a ele grande parte de seu sucesso, exigindo de si empenho e responsabilidade, uma vez que o principal interessado em seu êxito deve ser o próprio e não competindo a ele responsabilizar terceiros pelo seu insucesso ao final dessa trajetória.

Essa regra também se aplica aos alunos que ingressam na EJA, independentes dos motivos que os levaram a optar por essa modalidade de ensino. Nesse caso, em especial, é ainda maior a responsabilidade do aluno que em muitos casos tiveram uma história de vida sofrida e até marginalizada, e por esse motivo tendem naturalmente a serem humildes demais, não se considerando capazes de exigir que seus direitos sejam plenamente conferidos. Por isso Gadotti (2005, p. 29) enfatiza a questão dizendo que:

[...] É preciso criar o interesse e o entusiasmo pela participação: o educador popular é um **animador cultural**, um articulador, um organizador, um intelectual (no sentido gramsciano). O educador popular não pode ser nem ingênuo e nem espontaneísta. O espontaneísmo – princípio que consiste em ficar esperando que a mudança venha de cima, sem esforço, sem disciplina, sem trabalho – é sempre conservador. O educador popular, no contato direto com a cultura popular, descobrirá rapidamente a diferença entre espontaneísmo e espontaneidade que é uma característica positiva da mentalidade popular.

Diante desse panorama, o professor assume um importante papel cabendo a ele despertar em seus alunos o senso crítico e subsidiar suas iniciativas frente à sociedade.

E é aqui que entra uma peça fundamental para a educação: a família. Sem ela, essa corrente não se completa, seu papel é fundamental e inquestionável. É no seio da família que o indivíduo dá seus primeiros passos rumo ao topo de sua vida, e isso só acontece porque é nela que a criança vai se espelhar de imediato. Grande parte de seu caráter será baseado nas experiências que ela vivenciar em família, sua educação se dará desde os primeiros momentos de existência até sua morte, levando em consideração que este é um processo inacabável e sempre passando por construções. Mas não cabe à família apenas a tarefa de educação primária e sim de promovê-la continuamente, estar presente junto à escola, incentivar a prática de leitura, ajudar nas tarefas escolares e principalmente incentivar a ir cada vez mais longe, reforçando o quanto a educação é primordial para a superação e conquistas em suas vidas.

Daí a importância da interação entre escola/família. É certo que muitas vezes estas entram em constantes conflitos, cada qual defendendo seu interesse e ponto de vista, mas também é de grande relevância para o próprio aluno que ambas trabalhem juntas,

desempenhando com eficiência seus respectivos papéis sociais. Meireu (2005, p. 221) diz que:

[...] em uma democracia, os interesses individuais são legítimos e sabem que, na ausência de um "bem comum escolar" claramente identificado, não se pode condenar ninguém por defender seu interesse pessoal. Assim, reivindicam que se esclareçam a relação entre a Escola e as famílias, desejam que as escolas desçam de sua torre de marfim e aceitem verdadeiramente conversar com os pais, trabalhar com eles: sobre os valores a promover no sistema, sobre os meios de avaliar seus resultados, sobre os métodos que podem possibilitar um acompanhamento de nossas crianças, respeitando os respectivos papéis, para que elas ingressem no mundo mais lúcidas e, ao mesmo tempo, mais solidárias.

É por meio da escola que se pode emergir de uma condição de oprimido para exaltado, e para tanto basta querer aprender cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais, novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L. (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2005.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROMÃO, José E. Compromisso do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2005.

1 - ADRIANA FRANÇA PANCINI

adrianapancini@hotmail.com

2 - FABIANE COUTO LOUREIRO

fabicouto19@hotmail.com

3 - JULIANA BERMOND GRECCO juli_grecco@yahoo.com.br

Alunas do Curso de Pedagogia da FAESA, Vitória, ES, em cumprimento às atividades da disciplina EJA: Pesquisa e Práticas Pedagógicas, sob orientação do professor ADALVO DA PAIXÃO ANTONIO COSTA, adalvocosta@terra.com.br